



**NIEP
MARX**

Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
Estudo da forma mercadoria e suas implicações na construção ideológica			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Max Paulo Prado Bezerra da Silveira	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Estudante
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>Valendo-se da concepção marxista de ideologia, o presente trabalho tem como seu objetivo problematizar aspectos basais do conceito e suas possíveis derivações. Se, de modo geral, a ideologia pode ser representada por uma falsa consciência ou - segundo uma das definições de Althusser – uma representação imaginária das reais condições de existência, faz sentido aprofundar de que maneira a forma mercadoria contribui para uma construção ideológica da realidade. Dessa maneira, focaremos nossa investigação na relação entre o fetichismo da mercadoria e a ideologia, a fim de elaborar de que maneira novos desenvolvimentos conceituais na filosofia contemporânea podem nos auxiliar a entender a passagem entre economia política e a superestrutura ideológica.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Ideologia; marxismo; mercadoria			
ABSTRACT			
<p>Using the marxist ideology concept, the present essay have its objective in investigate basical aspects of this concept and your possible variety. If in a general way, ideology can be represented as a false conscience, or – as Louis Althusser’s definition– an imaginary representation of our real existential factors, it is important analyze the way that mercancy form contributes in a ideological reality construction. So our investigation between mercancy fetishism and ideology is important to shows how the development of new concepts of the contemporary philosophy can help us, to understand the “move” from politics economy to the ideological super-structure.</p>			
KEYWORDS			
Ideology; Marxism; mercancy			
EIXO TEMÁTICO			
Marx e a crítica da filosofia			

Introdução

Slavoj Zizek em seu artigo “Como Marx inventou o sintoma?” faz referencia ao filósofo alemão Peter Sloterdijk quando este certa vez se indagou sobre a possibilidade de estarmos vivendo em uma sociedade pós-ideológica. Contextualizando: Zizek faz menção a esta afirmação de Sloterdijk devido ao momento presente da crítica ideológica. Este momento, a saber, é o que nos damos conta que mesmo demonstrando o caráter ideológico de certas práticas sociais [inclusive a prática da troca de mercadorias] continuamos a agir de forma correspondente ao de uma consciência ideológica.

Evoco Zizek aqui para introduzir a ideia de que hoje é preciso compreender como a crítica contemporânea da ideologia, tenta dar conta do real nos dias de hoje. Para isso é necessário conhecermos um pouco a respeito do histórico do termo ideologia. Já que sua concepção clássica já não parece dar conta de nossas condições materiais de existência. Mais do que isso, não tentar compreender como opera o processo de formação de uma consciência ideológica, mas nos perguntar se é possível uma construção ideológica a partir da forma mercadoria tomando como ponto de partida o conceito marxista de ideologia e da noção de fetichismo de mercadoria fornecido por Marx em “O Capital”. Tentar entender se é possível uma relação entre fetichismo e ideologia no sentido de um questionamento sobre a possibilidade de este binômio estar ligada a passagem de economia política à chamada “superestrutura” ideológica.

Para tal iniciaremos a investigação procurando apresentar um histórico do termo “ideologia” a fim de nos situar sobre suas definições e possíveis variações ao longo do tempo, para enfim chegar ao que podemos compreender o que seja o objeto “ideologia” nos dias de hoje e compreender a importância de Slavoj Zizek para a contemporaneidade do assunto. Em um segundo momento, iremos nos concentrar na distinção entre os conceitos de fetichismo em Freud e em Marx, quais as diferenças fundamentais entre os conceitos em cada um, e tentar encontrar, em qual deles, ou se em ambos conseguimos encontrar alguma relação entre o fetichismo e a construção ideológica. Isso também significa dizer quais as relações existentes entre a psicanálise e a política, tendo em vista que de certa forma categorias como fetichismo, sintoma, e fantasia vem compondo o quadro geral do estudo da ideologia, inclusive para uma crítica contemporânea desta.

Ora se é necessário uma apreciação das primeiras concepções a cerca do que é ideologia, é interessante notar o que Marilena Chauí desenvolve a cerca destas aproximações ao conceito, é algo que ela faz em um livro clássico e em minha opinião imprescindível para termos acesso a essas noções, que é o seu livro “O que é ideologia” de 1983. O artifício utilizado por esta em seu livro para explicar o que chamarei de primórdios da história da filosofia que talvez tenham originado a

crítica feita mais tarde ao conceito de ideologia. Assim ela parte da teoria aristotélica das quatro causas onde de modo geral, a causalidade universal girava em torno destas quatro causas: a causa material, a causa formal, a causa motriz ou eficiente e por fim a causa final. A ideia central é que não só estas causas estariam ligadas a o que eu chamaria de causalidade do universo, mas elas também estariam organizadas de forma hierárquica onde a causa eficiente seria a de menor valor em relação, por exemplo, a causa final, e aqui é interessante notar o aspecto histórico que a elaboração de uma teoria tem. No caso aqui a teoria das quatro causas demonstra sua relação com o aspecto histórico no momento em que é um tipo de teoria desenvolvida no contexto de uma sociedade onde a estratificação social separava os homens entre categorias. O escravo, a mulher [que no caso era quase no mesmo nível de um escravo] o estrangeiro que não podia fazer parte de decisões de assembleias na ágora e, portanto não era cidadão, e os cidadãos gregos correspondentes a suas cidades. Ora, sabemos que um tipo de sociedade escravagista muito peculiar em seus moldes na Grécia antiga é algo considerado repugnante nos dias de hoje, mas este não é exatamente o problema encontrado aqui: quando o assunto é ideologia o problema encontrado aqui é que ideias como esta eram ideias consideradas universais, e que, portanto definiam esta causalidade do universo como certas. O problemático aqui não é saber se eram concepções certas ou erradas e sim compreender que este tipo de teoria é “localizável” em seu espaço e tempo ou seja no caso de Aristóteles entre 384 a.c e 322 a.c na região que hoje conhecemos como Grécia. E, apesar de ser um tipo de pensamento que pode ser datado teve seus reflexos por exemplo no pensamento moderno onde toda a corrente dos grandes pensadores modernos reduz a teoria das quatro causas a apenas duas. A saber a causa eficiente ou também chamada causa motriz e a causa final. Não é de se espantar também, que em meio a um contexto de uma sociedade escravagista a causa final sege superior a chamada causa eficiente.

“Em outras palavras, a causa final está vinculada a ideia de uso e se estende dependendo da vontade de quem ordena a produção de alguma coisa. Se por outro lado, nos indagarmos a que causa corresponde ao escravo ou o servo, veremos que corresponde à causa motriz, ou eficiente, isto é , ao trabalho graças ao qual uma certa matéria receberá uma forma para servir ao uso ou ao desejo do senhor.”
(Chauí, 1980, pg 10)

Com advento das teorias liberais as causas sofreram uma mudança. E podemos dizer que há uma valorização do trabalho, que foi produzida pela visão mecanicista que permeia o pensamento moderno onde a causalidade tem sua função de explicação da realidade dada pela transformação que a causa motriz trás ao mundo, isso quer dizer que o trabalho passa a assumir papel importante na medida em que o homem passa a ser visto como unidade das duas causas tanto a eficiente como a causa final. (Chauí, 1980)

Mas o que esta concepção universal do homem como unidade das duas causas traz para a construção ideológica é que ela contribui para um tipo de pensamento liberal, onde o homem contido de forma simultânea na causa final e eficiente pode realizar sua vontade através do próprio trabalho sem precisar se utilizar da força de terceiros, esta é a grande virtude do homem moderno: se utiliza de sua causa final que depende de sua vontade que se dá por sua liberdade de realizar algo por suas próprias forças.

Ora, diante de quem estamos se não da imagem do que mais tarde se tornará o homem capitalista?

Sabemos da importância de traçar uma aproximação do que seja um histórico do termo ideologia, porém cabe aqui ressaltar o papel que Marx tem no desenvolvimento do conceito. Mais do que isso, tentar investigar a sua contribuição para a crítica ideológica e compreender que traço inovador, suas ideias sobre ideologia trazem para a crítica ideológica, e assim partirmos para a ideia do fetichismo tentar investigar de que forma esse contribui para a construção ideológica.

A Ideologia em Marx.

Para compreender o que Marx quer dizer com ideologia. É interessante situar o contexto em que ele desenvolve as bases de seu pensamento. Esse contexto a saber é o momento da história da filosofia denominado, "Idealismo alemão". Este idealismo é uma tradição de pensamento que não é nenhum exagero dizer que gira em torno do sistema hegeliano de pensamento.

De fato Hegel ao estabelecer seu sistema filosófico inaugura um momento peculiar na filosofia alemã, no sentido de trazer ao pensamento, uma concepção de mundo, ou melhor, dizendo uma concepção de história guiada pelas ideias. Para Hegel a história se guia por um movimento dialético pautado pelas contradições desta dialética. Essas contradições ficam claras quando em sua *Filosofia do Direito* os traços dialéticos ficam evidentes.

O espírito começa seu movimento exemplificado por Hegel a partir do movimento entre Estado e Sociedade Civil: Os homens são pessoas que se apropriam das coisas a partir de sua vontade e por meio do trabalho e isso os configura como livres e são portanto conscientes de que existem outros homens que são livres na qualidade de se apropriarem das coisas.(CHAUÍ, 1983) A relação entre eles, na condição de proprietários, é algo que se estabelece na condição de contrato e pelo crime que é a quebra de contrato, é portanto o Direito que vai regular esta ação. No entanto esses indivíduos estabelecem também uma relação consigo mesmos através do reconhecimento de que são livres. E aqui, portanto não estão na condição de indivíduos, mas sim sujeitos se consideram livres a partir de sua relação com o interior. O que vai regular as relações entre os sujeitos, ou seja entre estas pessoas livres em sua relação interna consigo mesmos e com os outros, é a Moral. Temos aqui uma contradição estabelecida entre Direito e Moral já que a moral (referente ao dever ser está em contradição com o direito (de ser livre, e aumentar assim o patrimônio por

meio da exploração do outro). (CHAUÍ,1983) Porém há uma saída para resolver a contradição. E ela se resolve através do estabelecimento da família é ela que vai sanar a contradição entre Direito e Moral por meio dos interesses da família que vão estar acima dos interesses do individuo-sujeito mas é a partir deste ponto que surge outra contradição porque os interesses de cada família vão divergir entre si.(CHAUÍ, 1983) Mais uma vez o que surge como solução desta contradição é o surgimento de uma sociedade civil, dividida em classes. O que vai superar as questões do Indivíduo-sujeito como representante dos interesses de uma família pelos seus laços sanguíneos. Este indivíduo-sujeito agora é membro de uma classe social. Porém permanece a contradição dialética pois os interesses das classes são diferentes, nesse sentido o Estado é a forma final onde se sintetiza a contradição dialética. “Ele é a forma acabada que sintetiza os interesses individuais, familiares, sociais, privados e públicos.” (CHAUÍ, 1983) É ele que vai ser o palco da solução das contradições, portanto ele é exatamente a **ideia** por excelência que o espírito busca.

Marx conserva algumas concepções do pensamento hegeliano, porém este pauta a evolução histórica pela contradição dialética das ideias. Marx vai concordar que a história não é uma simples sucessão de eventos, frutos do acaso, e assim vai concordar com Hegel na concepção de que a história é pautada pelo movimento dialético. Porém não é um movimento dialético da ordem das ideias e sim um movimento dialético material. Sua inovação estaria na concepção material da dialética que é o “motor” da história.

Nesse sentido reside a grande crítica que o pensamento marxista faz ao sistema lógico de Hegel, em uma Alemanha em que o contexto filosófico era o de pensadores que se diziam pós-hegelianos sem apresentar mudanças sensíveis a realidade concreta e material daí suas críticas a Bruno Bauer e Feuerbach.

[...] Essa dependência de Hegel é a razão pela qual não encontraremos um só crítico moderno que tenha sequer tentado fazer uma crítica de conjunto ao sistema hegeliano, embora cada um jure ter ultrapassado Hegel. A polêmica que travam contra Hegel e entre si mesmos limita se ao seguinte: cada um isola um aspecto do sistema hegeliano e op faz voltar ao mesmo tempo contra todo o sistema e aspectos isolados pelos outros [...] (MARX, 2008, pg 7)

O que é fundamental notar é que a teoria marxista sobre a ideologia representa uma forma original de pensar este fenômeno de forma tão inovadora, que ela vai fundamentar e orientar a partir deste momento o que será a crítica clássica da ideologia. Seu sistema de pensamento é fruto de um esforço no sentido de superar o panorama filosófico da Alemanha, onde o sistema de pensamento hegeliano era dominante e se fazia presente nas principais obras de pensadores que em muito se intitulavam como tendo superado o sistema filosófico hegeliano. Estes pensadores tanto os velhos como os jovens hegelianos não haviam superado Hegel. E Marx demonstra nesse sentido que a

fundamentação de seu sistema de pensamento se contrapõe verdadeiramente aos sistema hegeliano a partir das premissas de que Marx lança mão, que segundo ele mesmo tem a características de serem fatos que são comprovados empiricamente.

O fato de estas premissas serem comprovadas empiricamente já sinaliza um tipo de pensamento comprometido com uma realidade material. Uma realidade que podemos comprovar através da noção de que a história é feita pelos homens que são capazes de produzir e reproduzir sua forma material de existência, uma realidade histórica construída em torno de seu processo de produção. Nesse sentido fica evidente um traço fundamental que vai diferenciar a teoria Marxista de outras teorias que definem o homem. Se até este momento, o que diferenciava o homem dos outros animais era seu intelecto, sua racionalidade, em Marx é possível encontrar outra forma de distinção entre o homem e os outros animais, este traço que os diferencia, é que o homem é o único ser capaz de produzir através do trabalho, produz seu próprio meio e também é afetado pelo meio em que produz com seu trabalho. É fundamental compreender este traço da premissa marxista já que ela nos permite dizer que o homem é produto de seu meio, isso significa dizer que o modo como se comportam, reflete sua forma de produção. “A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem.” (MARX, 2008)

Ora, se os homens se comportam segundo a maneira como se organizam em torno do modo de produção, podemos dizer que todo tipo de expressão, seja de linguagem, seja de cunho artístico filosófico ou político faz referência ao modo de produção. Talvez essa seja a dimensão ideológica que Marx explora ao fazer referência ao fato dos homens realizarem representações de si mesmos, os homens condicionados por suas condições reais de existência, realizam essas representações, porém com uma peculiaridade, que é a tendência de desviar esta representação do modo real de como são suas estruturas sociais. Este fato é resultado em grande parte devido ao avanço da divisão de trabalho, que com o aumento dos fatores de produção na sociedade tornam cada vez mais complexa esta divisão, que culmina com consequências como o antagonismo de interesses entre o campo e as cidades, mas principalmente com a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual. Este é um fato que o próprio Marx desenvolve até certo grau na “*Ideologia alemã*”, e mais tarde pelo frankfurtiano Alfred Sohn-Rethel. Para os fins deste trabalho não vamos nos estender e desdobrar este assunto, o que é interessante para nós aqui é simplesmente notar que parece haver uma espécie de desvio, quando os homens fazem representações de si mesmos. E um fato material e portanto comprovável, empiricamente é que as relações entre indivíduos, condicionados por sua realidade organizada em torno dos processos produtivos, cresce e se torna tão complexa a ponto de resultar no surgimento da superestrutura que é o Estado.

“A estrutura social e o Estado nascem continuamente do processo vital de indivíduos determinados; mas desses indivíduos não tais como aparecem nas representações que fazem de si mesmos ou nas representações que os outros fazem deles, mas sua existência *real*, isto é, tais como trabalham e produzem materialmente; portanto, do modo como atuam em bases, condições e limites materiais determinados e independentes de sua vontade” (MARX, 2008, pg. 18)

Como podemos ver Marx deixa claro que indivíduos fazem suas representações e suas ideias condicionados pela relação e desenvolvimento das forças produtivas, e para Marx este processo de inversão de sua imagem tal qual ocorre com a ideologia é algo resultante de seu desenvolvimento histórico. Algo que podemos observar quando olhamos para a moral, a metafísica e a religião. São representações, imagens distorcidas dos reais processos de produção a que os homens estão submetidos. Ora se estas categorias ideológicas tem sua origem no próprio processo de vida dos indivíduos podemos afirmar que “a produção das ideias, das representações e da consciência está, a principio, direta e intimamente ligada à atividade material[...]” (MARX, 2008, pg. 18) e é daqui que talvez Louis Althusser em sua obra *Aparelhos ideológicos de Estado* tenha deduzido em sua segunda tese sobre a ideologia: a saber a de que a ideologia repousa sobre uma base material.

Repousa sobre uma base material, mas ao mesmo tempo distorce esta realidade material. Portanto podemos em poucas palavras sintetizar o conceito marxista de ideologia como sendo uma espécie de falsa representação da realidade material, na qual os indivíduos estão inseridos.

O fetichismo de mercadoria e suas sutilezas metafísicas.

A primeira vista o fetichismo parece ser uma categoria pertinente ao campo da psicanálise, e de fato é. A pesar de Freud ter deixado pouco material sobre o tema o fetichismo tal como é concebido pela psicanálise é diferente ao que é concebido por Marx no capítulo um de *O Capital*. Na verdade vemos mais semelhança entre o fetichismo marxista e as próprias origens do termo que remontam a tempos de colonização.

De fato, as origens do termo remontam a tempos de navegações e desbravamento de terras até então desconhecidas, tanto é que as origens do termo fazem referência a uma terminologia que vem da língua portuguesa (*fetisso*), que corresponde a palavra feitiço no português dos dias de hoje. Não obstante o termo fetichismo é um termo que foi cunhado pelos exploradores europeus quando a partir de suas expedições e seus contatos com tribos de povos de continentes afastados como as Américas e a Oceania manifestavam extrema adoração por objetos que representavam um conjunto complexo de crenças onde neste objeto em particular ou em uma coleção de objetos, depositavam crença em poderes mágicos que poderiam influir em suas vidas. Para os europeus, a partir dos relatos dos exploradores sobre este traço dos povos chamados não civilizados, encontravam nestes povos um estado de desenvolvimento primitivo, onde sua incapacidade de lidar com a abstração,

fazia com que estes povos depositassem suas crenças em objetos inanimados, escolhidos de forma arbitrária, onde este não representava somente uma função mística mas também um sistema complexo de simbologias e crenças. O fetichismo era assim visto como “um modo de pensar projetivo animado pelo medo re pela ignorância, assim como a incapacidade de operar com simbolizações e abstrações”. (SAFATLE, 2010, pg. 34) A ideia que nos passa esta breve noção de fetiche, é que o apego a um objeto em particular e ter neste objeto algo de místico ou mágico, nos dá margem a pensá-lo como um objeto autônomo, um objeto independente que age por conta própria. É exatamente esta acepção fetichista que Marx vai caracterizar como um traço “misterioso” da mercadoria.

Segundo Marx, o produto do trabalho quando revestido da forma mercadoria, parece apresentar um caráter autônomo e acabado, ou seja; diante da mercadoria somos confrontados com sua forma acabada, imediata e sensível onde sua própria forma parece responder por ela mesma. Ela apresenta um caráter independente no sentido de que simplesmente nos aparece como algo pronto e independente. Porém se examinarmos melhor sua forma, perceberemos que sua forma parece esconder, ou mesmo “mascarar” uma “teia” de relações sociais que estão envolvidas diretamente na produção da mercadoria.

A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho. Através dessa dissimulação, os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sociais, com propriedades perceptíveis e imperceptíveis aos sentidos. (MARX, 2012, pg. 94)

Ora temos então na mercadoria um traço peculiar que é o de se apresentar como tal porém ao mesmo tempo escondendo parte de suas características. O que é importante chamar a atenção é que ela enquanto produto do trabalho individual juntamente com outros produtos de trabalhos individuais compõe o trabalho total que compõe um universo heterogêneo de produtos com suas devidas peculiaridade e particularismos que se referem principalmente ao valor de uso. Porém cada produto só se torna passível de entrar em intercambio com outros produtos por meio de seu valor de troca que os coloca em condição de mercadoria, e agora passíveis de troca, pois agora sua condição de mercadoria as eleva a um universo homogêneo, onde suas particularidades se diluem no universo homogêneo das mercadorias.

Este tipo de analogia parece apontar para o que Marx vai se referir como inversão metafísica proporcionada pela mercadoria. Porém o que marca o caráter fetichista da mercadoria não é somente o fato da forma mercadoria esconder as relações sociais por traz dela, é o fato de os

homens entrarem em relação entre eles mesmos através da mercadoria. Isso não só despersonaliza a relação entre eles. Reduz sua relação a uma relação entre coisas.

“Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Para encontrar um símile, temos de recorrer à região da crença. Aí, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no mundo das mercadorias. Chamo a isso de fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando, são gerados como mercadorias. É inseparável da produção de mercadorias.” (MARX, 2012, pg. 94)

Temos aqui portanto o aspecto fundamental do fetichismo de mercadoria tal qual desenvolvido por Marx em *O Capital*.

As relações entre ideologia e fetichismo na fantasia ideológica de Zizek

Depois de observar os conceitos de ideologia e fetichismo desenvolvidos por Marx, cabe aqui fazer uma observação e revisitar a crítica a qual a teoria marxista da ideologia tem sofrido. Primeiramente o que podemos observar ao conhecer os conceitos de ideologia e fetichismo é que ambas possuem um ponto em comum: ambas parecem estar relacionadas ao fato de esconderem algo. Se por um lado um aspecto marcante da ideologia é fato de ser uma falsa consciência que mascara a realidade, ou seja nossas condições materiais de existência, o fetichismo de mercadoria por outro lado, oculta as relações sociais que existem por trás da forma mercadoria. Porém a crítica que a teoria marxista sofre é que mesmo sabendo, conhecendo as relações sociais por trás da forma mercadoria, continuamos a nos comportar como se não conhecêssemos essas relações.

Para Slavoj Zizek fica claro que a concepção clássica de ideologia tal qual fora concebida por Marx, não é mais capaz de dar conta do real. E uma razão fundamental para isso é o fato de a concepção clássica de ideologia estar presente na ordem do saber para então se refletir na prática, ou seja “Eles não sabem o que estão realmente fazendo” (ZIZEK, 1996, pg. 314) Porém, segundo Zizek o equívoco parece estar em conceber a ideologia como pertencente a ordem do saber. Para demonstrar sua posição ele recorre ao clássico conceito do fetichismo em Marx que já conhecemos. A partir deste ponto de partida do fetichismo é possível nos questionar se realmente o fetichismo funciona como elemento que esconde as relações sociais por trás da forma mercadoria, afinal sabemos que a moeda por exemplo enquanto equivalente universal não tem valor real e sim simbólico, porém continuamos a nos comportar como se ela tivesse valor real, ou seja agimos no dia a dia como fetichistas na prática, o que nos permite afirmar que nossa realidade é então estruturada pela ilusão fetichista, “A ilusão não está do lado do saber, mas já está do lado do saber,

mas já está do lado da própria realidade, daquilo que as pessoas fazem” (ZIZEK, 1996, pg 316) O que desconhecemos não é a realidade, mas sim a ilusão que estrutura a realidade, e é esse fato de desconhecer esta ilusão que está do lado da realidade Zizek denomina fantasia ideológica.

Conclusão

É interessante notar de que forma uma categoria que é muito comum ao campo da psicanálise tenha sido apropriada por Zizek para trazer de volta uma discussão a cerca da crítica ideológica, e também a contribuição que uma “fantasia ideológica” pode trazer para uma nova abordagem da crítica ideológica, no entanto o que parece interessante não é exatamente a contribuição de Zizek para a discussão a cerca da ideologia a partir de categorias da psicanálise, e sim o aspecto da troca de mercadorias como elemento que nos torna fetichistas na prática. A troca de mercadorias como elemento central não resgata somente um forte aspecto da teoria marxista onde o elemento central da história humana estão no seu modo de produção e suas relações de produção por meio da troca de mercadorias mas traz a Economia Política para o centro da discussão no campo da ideologia.

Não são suas apropriações com respeito a fantasia ideológica, que é sim fundamental para compreendermos seu sistema de pensamento, mas sim colocxar a Economia política como um dos elementos estruturantes de uma ilusão fetichista que não se encontra na ordem do saber e sim na ordem da realidade. É curioso, pois Zizek em momento nenhum utiliza o termo Economia Política em seu artigo *Como Marx Inventou o sintoma*, porém se são nas trocas que damos asas a fantasia ideológica a partir de um fetichismo prático, pertinente ao campo das trocas, vemos então que é nela, na economia política que parece apontar a crítica ideológica.

Bibliografia

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. 13 ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983

MARX, Karl. **A Ideologia alemã**. 3 ed. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2008

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 1 ed. Editora Graal, 1985

MARX, Karl **O Capital. Crítica da Economia Política**. 30 ed. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2012

ZIZEK, Slavoj. **Um Mapa da Ideologia**. 1 ed. Rio de Janeiro, Contraponto Editora, 1996